

JULIÁN RÍOS

Milton HATOUM

mhatoum@uol.com.br

Do ponto de vista linguístico, o Brasil é um continente insular. Com a exceção das três Guianas, o monstro desta América faz “fronteira” – palavra temerosa – com países hispano-falantes. Por isso um escritor ou leitor brasileiro é capaz de ler Quevedo, Cervantes e Borges no original. Até mesmo os incultos – o que não é nada raro neste ano da desgraça de 2021 – pensam que falam “espanhês” ou “portunhol”: uma língua falsamente mestiça, patuá patético que conduz os interlocutores à mudez, ao gaguejo ou à gargalhada, algo muito diferente de um fecundo “solo a dos voces”.

Mas quando um escritor brasileiro encontra um escritor estrangeiro que cita trechos do romance “Grande sertão: veredas” no original, a mudez traduz uma admiração assombrosa. Foi assim que vi (e ouvi) pela primeira vez Julián Ríos.

Só raramente minha memória é de Funes. No mais das vezes é funesta, sem ser falaz. Mas me lembro com nitidez do meu encontro com Ríos, às 12h40 do dia 17 de novembro de 1993. Onde? Em Miami, hélas! Sim, lá mesmo, assistindo a um evento literário, cujo palco mais parecia uma arena: feras ferozes se digladiavam contra e a favor da posição política de Gabo. A literatura, banida e insulada, passava ao largo, mais longe que Cayo Largo.

Julián e eu nos afastamos dos gladiadores, e quando ele soube que eu era brasileiro - ainda sou, à part entière, ou à moitié, pois vivendo há três anos sob um governo protofascista, uma parte de mim partiu para um exílio imaginário e desejável -, ele mencionou o romance de João, não de um João ninguém, mas sim do genial João Guimarães Rosa.

No milênio passado li “Solo a dos voces”; depois, quando li *Larva*, conheci Milalias, Babelle e dezenas de personagens e suas peripécias na “Waste London”. Foi uma aventura: uma leitura venturosa e difícil, mas este solapado leitor soluçava de tanto rir, mesmo em passagens e becos sem saída, no limite insolúveis para um tradutor. Porque ler *Larva* pressupõe um trabalho de tradução de várias línguas; mas, às vezes, o pobre leitor-tradutor ergue os braços, num gesto desesperado de rendição: “as traduções revelam-se intraduzíveis, não porque elas seriam carregadas demais de sentido, e sim porque o são de maneira esquiva demais”. (W. Benjamin)

Parece que quase todas as línguas e todos os recursos linguísticos e figuras de linguagem encontram-se para festejar esta Babel de uma noite de San Juan. “Larva” é linguagem em transe: um carnaval de trocadilhos, mot-valises, rimas internas, neologismos e... inúmeras aliterações, ali, aqui, por toda parte: party loca, com seus saltos e giros, com suas danças em ritmos diversos (samba, flamenco, rock...) em meio a amores que atam e desatam numa única noite de verão. Um poema em prosa (às vezes pura prosódia), proteiforme.

Herr Narrator e as vozes dos personagens não dão trégua ao leitor. Mas eles não o desafiam a um duelo (duélale a quien le duela), e sim o seduzem para participar de uma dança com as palavras que, mesmo entrançadas, tecem uma trama. Sim, porque em *Larva* uma massa de fios enovelados compõe intrigas e episódios muito esgarçados, fragmentados, descontínuos, calculadamente aleatórios em sua loucura, ou conscientemente são em sua insanidade. A linguagem de Ríos é uma dança inventiva, renovada a cada página ou passo (pas de deux, pas de dieu), mas nada dissuasiva.

Em *Larva*, o poder encantatório das palavras, o magnetismo narcótico da sonoridade, e a variedade de entonações, ritmos e modulações produzem um notável efeito poético na prosa, ou uma polifonia poética capaz de traduzir o sentimento de simultaneidade de acontecimentos de uma metrópole: a teia labiríntica onde Milalias e Babelle se perdem e se encontram nos caminhos e descaminhos de uma noite de San Juan.

No aparente caos de *Larva* há uma estrutura de mat(r)iz joyceana-cortazariana, porém mais radical no españolé andaluz-poundiano dos narradores. É também notável como Ríos parodia – canta em paralelo – as literaturas do Ocidente e do Oriente, pois não são poucas as referências a textos japoneses, chineses e hindus e, claro, às Mil e uma noites dessa “mascarada de una noche oscura de San Juan.

Há uns vinte anos, li numa tertúlia literária trechos do capítulo IV (Algarabía); no fim da leitura – várias vezes interrompida por risos e gargalhadas - uma moça bem-humorada comentou: “Parece que as palavras dançam um samba tocado por um Sinbad doido. Em quantas línguas escreve esse poliglotón Averríos?”

Pensei: essa é a leitora ideal de *Larva*. Em verdade, ela era a única na plateia que havia lido o romance, e se orgulhava disso. Qual seria a primeira letra do nome dessa leitora? Fiquei tão impressionado com suas frases, que perguntei: Você já leu “Amores que atan”? Respondeu: “Claro, da letra A até a Z”. E se foi ao encontro do namorado, alto, narigudo, corcunda, mas com olhar de sátiro, o safado. E eu voltei à solidão da pós-tertúlia.

E foi na solidão desses quase dois anos de pandemia no mundo - e de peste política no Brasil - que reli *Larva*. Era preciso relê-lo para que eu risse, arrebatado; para sair desse buraco e não morrer de tédio, raiva, desespero. E, last but not least, para descobrir coisas ocultas em *Larva*, esse imenso nó górdio, talvez infinito: “En el fin de la escritura, empieza el infinito de la lectura”.